

## Potencial pedagógico da “Gramática cognitiva” nas aulas de língua estrangeira

María Alejandra Oliveira Bermúdez

Instituto de Letras – Centro Universitário Lasalle (UNILASALLE)

maob@pop.com.br

**Resumo.** *O enfoque cognitivo oferece uma filosofia prática que permite levar à sala de aula os aspectos formais sem renunciar aos benefícios demonstrados pelo comunicativismo clássico. Uma aula comunicativa através da cognição. A visão cognitiva supõe uma visão alternativa da natureza do conhecimento lingüístico, assim como, da forma como os falantes dispõem desse conhecimento. Pretende mostrar o que é uma gramática significativa e operativa aplicada ao ensino da língua estrangeira. Entende-se que cada forma está dotada de um valor de operação, um valor de significado, sendo este significado equivalente a um produto lógico. Descreve os recursos lingüísticos em diferentes níveis de abstração e em diferentes níveis de funcionalidade. Existe uma metáfora conceitual. As metáforas são exercícios de representação completamente lógicos, com elas somos capazes de construir conceitos complexos a partir de experiências simples. Deve-se trabalhar então desde a linguagem do pensamento, o que Pinker (1995) chama “mentales”, que é a linguagem do pensar, independente da língua falada. As normas e regras gramaticais devem ser apreendidas e pensadas a través do raciocínio lógico.*

**Resumen.** *El enfoque cognitivo nos ofrece una filosofía práctica que permite llevar a las clases los aspectos formales sin renunciar a ninguno de los provechos demostrados por el comunicativismo clásico. Una clase comunicativa a través de la cognición. La óptica del cognitivismo supone una visión alternativa de la naturaleza del conocimiento lingüístico, así como, de la forma como los hablantes disponen de ese conocimiento. Pretende presentar una gramática significativa y operativa aplicada a la enseñanza de lengua extranjera. Se entiende que cada forma posee un valor operativo y un valor de significado, siendo este significado equivalente a un producto lógico. Los recursos lingüísticos son descriptos en diferentes niveles de abstracción y en diferentes niveles de funcionalidad. Existe una metáfora conceptual. Las metáforas son ejercicios de representación completamente lógicos, con ellas somos capaces de construir esquemas mentales complejos a partir de experiencias empíricas simples. Se debe trabajar entonces desde el lenguaje del pensamiento lo que Pinker (1995) llama “mentales”, que es el lenguaje del pensar, independiente de cuál se la lengua que se habla. Las normas y reglas gramaticales serán aprendidas y pensadas a través del razonamiento lógico.*

**Palavras-chave:** gramática cognitiva; esquemas mentais; subjetivização

## 1. Gramática cognitiva: uma breve introdução

Gostaria de começar pelo relato de Gomes de Mattos e Wigdorsky, intitulado "Foreign Language Teaching in Latin America", publicado no volume n.º 4 de *Current Trends in Linguistics* em 1968. A perspectiva do mundo do ensino de LE que Gomes de Mattos apresenta, no que se refere ao Brasil, é quase irreconhecível se compararmos com os avanços consideráveis neste campo nos 30 anos que passaram. Ainda que seja possível efetuar críticas ao ensino de LE no Brasil, começo este trabalho com uma nota positiva, já que os fatos apresentados por Mattos no referido artigo deixaram de ser.

Dito artigo poderia ser o plano de fundo para realizar uma observação das diferentes abordagens teóricas centradas em visões cognitivas da linguagem que parecem estar atraindo um grande número de pesquisadores. Uma considerável parte dos estudos sobre processos de gramaticalização realizados durante os últimos quinze anos caracteriza-se pela crescente preocupação por aspectos cognitivos relacionados a tais processos.

Noam Chomsky revoluciona a lingüística nos anos 60 afirmando que língua é uma habilidade criativa e não memorizada, e que não são as regras da gramática que determinam o que é certo e errado, mas sim o desempenho de um "native speaker" que determina o que é aceitável ou inaceitável. Mais recentemente as idéias de Chomsky passaram a inspirar a metodologia de ensino de línguas na direção de uma abordagem cognitiva baseada em comunicação e lógica com a intermediação de um orientador carismático e com participação ativa do aluno.

A "gramática cognitiva" como parte destas prestigiadas abordagens, é um programa de pesquisa que tentará descrever o funcionamento da linguagem transcendendo mais ainda às tradicionais concepções chomskianas e estruturalistas.

Este trabalho está embasado nos estudos de Langacker (2001), Alejandro Castañeda (2006) e José Plácido Luiz Campillo (2007) propõe a aplicação de um enfoque operacional do fato lingüístico. A gramática não atua sobre as formas, senão sobre o significado com que o falante utiliza essas formas em cada contexto de comunicação. Faço ênfase nas propriedades de comunicação e significado dos próprios aspectos formais, assim como, na lógica da sua articulação lógica.

A pergunta mais recorrente do professor, diga-se na área do espanhol LE, e um dos problemas principais é a dificuldade para entrar em um comum acordo sobre os conhecimentos gramaticais. A gramática de uma língua realmente existe? Parece que ninguém consegue fechar todas as regras, normas e variantes dentro de um só livro. No contexto da aula de língua estrangeira o aluno administra uma regra e espera que dita regra possa ser efetiva para suprir as suas necessidades de comunicação na nova língua.

O sistema de ensino brasileiro, tanto público como particular, tem mostrado uma incapacidade de proporcionar um bom ensino de língua estrangeira. Infelizmente, a língua estrangeira é apresentada de forma segmentada e o aluno não tem meios de encaixar estes fragmentos em seu dia-a-dia. Além disso, falta material adequado e cursos que permitam melhorar a formação do corpo docente. Por isso, tantos recorrem aos cursos de idiomas. O conhecimento em LE é hoje considerado um direito, um requisito para o exercício de uma cidadania plena, não apenas para os alunos em fase escolar, mas para a maioria da população.

Deve ser indicado que aprender uma língua estrangeira significa ainda ter uma experiência emocional de comunicação. Entender e ser entendido, não se sentir frustrado quando uma situação de comunicação real se apresenta, sentir o progresso e vencer o desafio de ler, escrever e falar algo significativo num outro idioma. É útil e motivador para sua aprendizagem que o aluno tenha consciência, do quanto o idioma já faz parte de seu cotidiano. Essa consciência da utilização do conhecimento formal da língua de uma forma lógica e entendível certamente torna o aprendizado mais próximo, familiar e eficaz. O aluno se tornará mais confiante e participativo ao verificar que pode realmente utilizar a língua em situações reais do seu dia a dia e que ele pode, ainda longe da sala de aula, ter o domínio através do senso comum e do seu raciocínio lógico das normas formais da mesma. Se a língua é comunicação, e a gramática é o instrumento da língua, a gramática é instrumento de comunicação.

Acredito que o ensino da gramática possa ser aperfeiçoado, mas isto exige uma redefinição de metodologias e comportamentos. É por este motivo que desejo realizar este estudo, a fim de ampliar e solidificar aqueles conhecimentos já existentes sobre o ensino da gramática e acrescentar outros.

Ofereço a discussão acima como um outro plano de fundo das idéias a serem desenvolvidas neste trabalho.

Ao concluir, levanto alguns pontos que me parecem reveladores enquanto ao potencial pedagógico no campo de lingüística aplicada na área de LE no Brasil da gramática cognitiva, ou seja, fecho o trabalho analisando as vantagens para o educador de adotar métodos lógicos para o ensino dos aspectos formais. Ofereço também uma análise das mudanças que o docente deveria efetuar para se tornar um “professor cognitivo”.

## **2. Imagens lingüísticas e perspectiva**

A perspectiva é uma função representativa básica que pode ajudar a explicar muitas distinções sutis das línguas. A inclusão do sujeito no processo da construção do significado aponta para a noção de perspectiva (Langacker, 1991), segundo a qual o ponto de vista do participante da interação compromete e interfere neste processo. A perspectiva passa a ser vista como elemento estratégico no processo de gramaticalização, onde o sujeito produtor do discurso é não-estático. Ele age na cena comunicativa.

Pensemos nas seguintes expressões:

(1a) Olvidé las llaves.

(1b) Me olvidé de las llaves.

(1c) Se me olvidaron las llaves.

As três se referem ao mesmo fato, o “esquecimento” (olvido) de um objeto, mas dependendo da “perspectiva” que se tenha sobre a mesma situação, diferentes esquemas mentais serão construídos para a mesma experiência.

No caso do espanhol, listo abaixo alguns exemplos de diferentes perspectivas da realidade que permitem representações diferentes dos mesmos conceitos:

- |  |   |
|--|---|
| (2a) La libreta está encima del libro.                     | (2b) El libro está debajo de la revista.                  |
| (3a) He traído la comida.                                  | (3b) Yo he traído la comida.                              |
| (4a) El chico rompió el papel.                             | (4b) El papel se rompió.                                  |
| (5a) Pedro va esta tarde al despacho.                      | (5b) Pedro se va esta tarde al despacho.                  |
| (6a) En ese momento reconoció la derrota electoral.        | (6b) En ese momento reconocía la derrota electoral.       |
| (7a) Hay una carretera que va desde mi casa hasta la suya. | (7b) Hay una carretera que va desde su casa hasta la mía. |

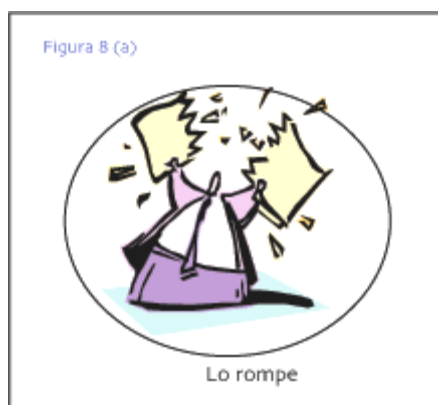
**Tabela 1**

A gramática cognitiva destaca-se por enfatizar que diante de uma mesma situação são criadas imagens, representações ou conceitos diferentes. Neste caso, a pragmática não seria o único parâmetro na hora de escolher as variantes.

Exemplo: *Pedro ha roto el jarrón. Figura 8a*

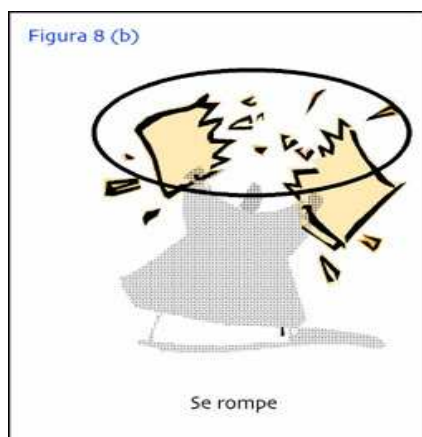
*Se ha roto el jarrón. [Lo ha hecho alguien no determinado]- Figura 8b*

*El jarrón se ha roto.- Figura 8b*



**Figura 1**

**Pedro ha roto el jarrón**



**Figura 2**

**Se ha roto el jarrón\ El jarrón se ha roto**

Por tanto, temos três representações para a mesma situação, o “jarrón” que quebrou. Neste exemplo, ilustrado nas figuras 1 e 2, o parâmetro para escolher entre uma das opções apresentadas não será a pragmática, mas as metáforas utilizadas para verbalizar o mundo tal e como ele é percebido desde uma determinada *perspectiva* que é subjetiva.

As alternativas gramaticais, que em outras correntes são reduzidas a opções formais desvinculadas do significado, no modelo cognitivo não deixam de se entender como portadoras de significado. Dito significado não irá se definir por condições objetivas senão por formas de percepção distintas de uma mesma situação. A condição figurativa da linguagem (metáforas) permitirá a abordagem diferenciada para a adaptação pedagógica.

Note-se, neste sentido, que ao pedir o número de telefone de alguém dissemos: “dame tu telefono” em espanhol; “me da o teu telefone”, em português. Em ambas as línguas as sentenças carecem de rigorosidade proposicional de verdade, é absurdo. Na lógica natural, o ouvinte é perfeitamente capaz de entender a economia de palavras do falante e completamente convencido do seu “senso comum” (uma simples operação metonímica), o levará ao número e não ao aparelho.

### 3. Subjetivização

Deve-se notar ainda que a perspectiva referida anteriormente é subjetiva.

Um dos princípios básicos da lingüística cognitiva consiste em que a linguagem não é uma representação de uma realidade objetivamente existente, mas de uma realidade como percebida e experimentada pelos seres humanos.

Tem papel central o conceito de subjetivização, do ponto de vista descritivo quanto pedagógico. Está baseado na idéia de que na conceptualização se reconhece o objeto concebido e o sujeito que o concebe. A representação lingüística depende do processo de subjetivização.

Cada vez mais, o educador cognitivista deverá mudar o eixo: do *objetivismo* ao *experiencialismo*. Segundo Campillo (2007), a língua não oferece uma imagem objetiva da realidade e toda regra baseada numa relação direta entre língua e mundo estará lista para ser contradita por incontáveis exceções. Uma outra tendência importante, ainda nesta vertente de aplicação, é que a língua representa a realidade tal e como o sujeito a percebe e como ele quer que a perceba o ouvinte. Por tanto, a gramática está destinada de favorecer diferentes representações para um mesmo fato “objetivo”.

### 4. Significado e

A primeira hipótese que deve-se estabelecer é que as formas que cada sistema possui devem estar dotadas de um valor básico e unívoco. Partindo desta bagagem encontra-se a oração e o discurso. A interpretação, diz Campillo, poderá ser executada sobre a base de uma consciência clara do valor de cada uma e o produto lógico da sua união, como exemplifica a figura abaixo:



**Figura 3**

Em outras palavras: cada forma está dotada de significado e o significado global equivale ao produto lógico da relação desses conceitos. No exemplo é claro o conceito de que as gemas são amarelas e não brancas. O enfoque cognitivo fixa a sua atenção no significado e não na forma isolada.

Deve ser indicado, porém, que quanto ao ensino se propõe uma atitude construtivista: tendo um significado para cada forma, a tentativa será a “desconstrução” interpretativa de enunciados sobre a base da nossa consciência lógica.

Tudo isto leva à fixação das formas em si mesmas se afastando de pontos de vista mais holísticos e taxonômicos tais como o funcionalismo tradicional ou as gramáticas comunicativas, que fixam a sua atenção “exclusivamente” no nível oracional e nas propriedades pragmáticas do discurso. Estes enfoques demonstram uma lógica em forma de listas de funções e formas involucradas para cada função. Um ponto de vista operacional persegue uma valoração significativa das formas isoladas e a construção de múltiplos significados finais a partir de tais valores e as suas relações lógicas.

Em suma, o enfoque cognitivo pretende dotar ao aluno das ferramentas necessárias para usar as formas ali onde o seu valor seja requerido, ou seja, fazer que o seu conhecimento declarativo lhe permita a extensão do aprendido a novos contextos e propósitos de comunicação de uma forma consciente e intencional, não mecânica, asignificativa e memorística.

Mais uma vez, o professor deverá mudar o eixo: da *forma* ao *significado*. A gramática não opera sobre as formas senão sobre o significado. Qualquer regra gramatical que tome as puras formas como referente não passará de ser uma regra pronta para gerar exceções.

## **5. Metáfora Conceptual, Metonímia e Integração (“blending”)**

Etimologicamente a palavra metáfora vem do vocábulo grego *metapherein*, de *meta* (para além) + *pherein* (transportar) (DILLER, 1991: 210).

Lakoff e Johnson (1980) salientam que a metáfora é em primeiro lugar uma questão de pensamento e só depois uma questão de linguagem.

Sobre este ponto gostaria de destacar que a expressão da metáfora não só ocorre na linguagem, mas também em imagens visuais, e em imagens de cartazes publicitários são encaradas como metáforas pictóricas.

Registre-se ainda que além de pictórica, a metáfora pode ainda ser tátil, olfativa e sonora. Um exemplo de metáfora tátil surgiu na publicidade em Portugal através do lançamento na imprensa (ex.: Público de 9/3/97) do folheto que aqui reproduzo e em que a dificuldade que o leitor sente na sua abertura devido às tiras pretas de velcro aderente pretende, metaforicamente, significar a aderência das rodas do automóvel à estrada.

Uma metáfora olfativa pode, em sentido lato, ser encontrada, por exemplo, nas cartas perfumadas com que os enamorados pretendem significar metaforicamente o lado sublime, agradável e atraente que os une.



Figura 4

E também digno de nota neste trabalho o estudo de Michael Reddy (Reddy, 2000) foi um outro grande marco nas proteções antes citadas com a introdução da metáfora do conduto (*conduit metaphor*) pela qual, se apresenta metaforicamente à língua inglesa como um conduto que possibilita a transferência de elementos do repertório de um falante para outro.

A abordagem cognitiva da metáfora introduz a noção de “metáfora conceptual” (*conceptual metaphor*), que não reside nas palavras mas em imagens mentais, estabelecendo projeções de um domínio fonte num domínio alvo, imagens estas que permitem a construção e o reconhecimento das expressões metafóricas explícitas linguisticamente.

Ao mesmo tempo, esta chamada “metáfora conceptual” é realizada em diversos contextos e em expressões linguísticas diferentes, listo abaixo alguns exemplos do inglês:

Our relationship has reached *a dead-end street*.

Look *how far we've come*.

It's been *a long bumpy road*.

We can't *turn back* now.

We're at *a cross-roads*.

We may have to *go our separate ways*.

The relationship isn't *going anywhere*.

We're *spinning our wheels*.

Our relationship is *off the track*.

The marriage is *on the rocks*.

We may have to *bail out* of this relationship.

Na linguagem cotidiana, é também comum a utilização de expressões metafóricas provenientes de domínios diversos mas referindo-se ao mesmo tópico. Listo a seguir exemplos do português em que o pensamento é metaforizado como visão:

*Me da o teu telefone*

*Me quebra um galho*

*Tirar de dúvidas*

*Estas no meu coração*

Novamente, mudança de eixo: da *norma* ao *uso*. Uma gramática baseada numa norma que deprecie as manifestações “periféricas” da língua, os termos figurativos da linguagem, será incapaz de descrever adequadamente o funcionamento de dita língua.

Até as formas “supostamente” incorretas, de fato, dão indícios sobre a maquinaria gramatical dos falantes de uma comunidade. A gramática real não habita nos livros, senão nas mentes das comunidades que a utilizam e quando o uso real contradiz o livro de gramática, não é a realidade que falha: é o livro que não é capaz de dar conta dela ou de descrevê-la de forma fiel.

## 6. Conclusão

Para fechar as últimas páginas deste estudo, quero levantar algumas questões que parecem ser centrais no desenvolvimento da gramática cognitiva nas aulas de LE, ou seja, ao concluir, apresento as vantagens para o educador da gramática cognitiva.

Em primeiro lugar, destaco que na língua as opções “corretas” não somente não são as únicas possíveis, senão que, às vezes, não são nem as adequadas. Manifesto-me contra a “censura ilegítima”: o aluno que erra na eleição das formas “corretas” terá produzido, no entanto, uma amostra legítima na língua alvo.

Quê tipo de aprendizado está sendo solicitado ao aluno? Quê idéia de língua pretende-se que ele adote? Fica muito claro: o aluno não pode -não deve- relacionar de forma mecânica os conceitos formais da gramática.

Os profissionais do ensino de língua estrangeira, consciente ou inconscientemente, escravizados pelo sofisma das “blancas yemas de huevo” e, aparentemente preocupados pelo fenômeno lingüístico, confundem o organismo vivo da língua com um bichinho dissecado. O absurdo consiste em tomar como ponto de partida uma análise da língua totalmente “cego” ao significado e crer que dita análise pode ser um instrumento válido de criação de significados. Levando a prática este tipo de atitudes podem-se mal interpretar, de maneira sistemática, amostras de língua absolutamente impecáveis.

Ao concluir, levanto alguns “movimentos de consciência” reveladores e necessários por parte dos educadores de LE. Movimentos que devem ser feitos de maneira constante e conseqüente e são três: do objetivismo ao experiencialismo; da forma ao significado e, finalmente, da norma ao uso. Esta mudança de perspectiva no eixo condutor das aulas permitiria renovar a visão secular existente sobre o ensino da gramática.



Em suma, as vantagens fundamentais da apresentação de uma aula de gramática cognitiva são: uma interação significativa e realista, trocando os métodos de memorização de estruturas particulares por “lógica”. Em segundo lugar serão contempladas quatro áreas do conhecimento e integradas: a competência gramatical, a sociolingüística, a discursiva e a estratégica. O alvo principal será facilitar a integração destas habilidades através do uso do “senso comum” e do raciocínio lógico na escolha das diferentes representações da realidade. Entende-se que a lógica a que se refere o enfoque cognitivo não é a lógica das matemáticas ou dos valores filosóficos de verdade absoluta, mas a lógica natural, dos esquemas cognitivos com que construímos a representação humana do mundo.

A última e mais importante das vantagens, é o fato de entender a gramática como uma simples manifestação particular do mundo, da qual cada aluno pode ser consciente em sua própria língua. Os alunos são capazes -sem dúvidas- de modular e encontrar uma explicação lógica para cada caso, se não for assim, o professor terá um grupo de pessoas discutindo e raciocinando sobre “o que se quer dizer e como se quer dizer” e manipulando as ferramentas gramaticais para significar.

As percepções apresentadas acima, é claro, refletem o meu olhar, e, portanto, minha visão sobre o ensino da gramática em LE. Um outro protagonista usaria outras lentes, o que possibilitaria ângulos diferentes, como também talvez privilegiasse outras abordagens.

## 7. Referências Bibliográficas

CASTAÑEDA CASTRO, A. **Aspectos cognitivos en el aprendizaje de una lengua extranjera**. Granada: Método Ediciones, 1997.

CASTAÑEDA CASTRO, A. y J. Ortega. “Atención a la forma y gramática pedagógica: algunos aspectos del metalenguaje de presentación de la oposición imperfecto/indefinido en el aula de español/LE”, **Estudios de Lingüística. Universidad de Alicante**. Número Monográfico dedicado a “Tendencias y líneas de investigación en adquisición de segundas lenguas”, coordinado por Susana Pastor Cesteros y Ventura Salazar García, 2001.

GOMES DE MATTOS, F. & L. WIGDORSKY (1968) Foreign Language Teaching in Latin America. In: R. LADO, W. MCQUOWN, S. SAPORTA & H. LASTRA (eds.) **Currents trends in Linguistics**. Vol. 4. Ibero-American and Caribbean Linguistics. The Hague: Mouton.

GONZÁLEZ, Mario Miguel. “*El hispanismo en Brasil*”, en Actas del II Congreso Internacional de la Lengua Española, Madrid, Real Academia Española - Instituto Cervantes, 2001.

GOMES PAIVA, Maria da Graça. **Os desafios do ensinar a ler e escrever em língua estrangeira**. São Paulo: Editora Ática, 1998.

GRIGOLETTO, Marisa. **Ensino de leitura em língua estrangeira: o que mais pode ser feito?**. São Paulo: Editora APLISP, 1992.

LAKOFF, George & JOHNSON, Mark. “**Metáforas da vida cotidiana**”.

Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LANGACKER, R.W. (1987): **Foundations of Cognitive Grammar. Volume I: Theoretical Prerequisites**, Stanford, Stanford University Press.

-- (1990): **Concept, Image and Symbol. The Cognitive Basis of Grammar**, Berlin / New York, Mouton de Gruyter.

--(1991): **Foundations of Cognitive Grammar. Volume II: Descriptive Application**, Stanford, Stanford University Press.

LITTEWOOD, William. **La enseñanza comunicativa de idiomas**. Madrid: Cambridge, 1996.

REDDY, Michael J.. In: Cadernos de “A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem”.  
tradução, Porto Alegre, n° 9, p. 1-72, jan – mar, 2000.

## 8. Referências na Internet

CASTAÑEDA CASTRO, A. (2003): “Potencial pedagógico de la gramática cognitiva. Pautas para la elaboración de una gramática de español/LE”. En:  
<http://www.sgci.mec.es/redele/revista/castaneda.htm>

CAMPILLO, José Plácido Ruiz :“Gramática congitiva y ELE”  
MarcoELE: Revista de didáctica, ISSN 1885-2211, N°. 5, 2007. En:  
[http://www.marcoele.com/num/5/02e3c099e800fa223/entrevista\\_jp.pdf](http://www.marcoele.com/num/5/02e3c099e800fa223/entrevista_jp.pdf)